

economia & história



“Nenhum Milímetro”!¹ A Paz de Brest-Litovsk Segundo Victor Serge

JOSÉ FLÁVIO MOTTA (*)
LUCIANA SUAREZ LOPES (**)

Aos 3 de março de 1918 foi assinado o Tratado de Brest-Litovsk. De um lado, os plenipotenciários da Alemanha, Áustria-Hungria, Bulgária e Turquia, os “poderes da Quádrupla Aliança”; de outro, a Rússia ou, mais precisamente, os delegados bolcheviques da República Socialista Federativa Soviética da Rússia (RSFSR), recém estabelecida pela Revolução de Outubro.² No artigo I do Tratado, as partes “(...) declare that the state of war between them has ceased. They are resolved to live henceforth in peace and amity with one another.” (The Peace Treaty of Brest-Litovsk)³ Mas

é em especial no Artigo III que se explicitam as perdas da RSFSR evidenciadas no Mapa reproduzido na abertura de nossa crônica:

Article III. **The territories lying to the west of the line agreed upon by the contracting parties which formerly belonged to Russia, will no longer be subject to Russian sovereignty;** the line agreed upon is traced on the map submitted as an essential part of this treaty of peace. The exact fixation of the line will be established by a Russo-German commission.

No obligations whatever toward Russia shall devolve upon the territories referred to, arising from the fact that they formerly belonged to Russia.

Russia refrains from all interference in the internal relations of these territories. Germany and Austria-Hungary purpose to determine the future status of these territories in agreement with their population. (The Peace Treaty of Brest-Litovsk, grifo nosso)

Perdas Territoriais da Rússia pelo Tratado de Brest-Litovsk



Fonte: Mapa disponível em: < <http://www.lahistoriaconmapas.com/asia/rusia/el-tratado-de-paz-de-brest-litovsk-1918/> >. Acesso em: 29 fev. 2016.

Pretendemos tecer alguns comentários acerca da interpretação de Victor Serge sobre as negociações que resultaram nesse tratado. É oportuno, por conseguinte, trazermos de imediato algumas informações sucintas a respeito da trajetória desse revolucionário nascido na Bélgica em 1890. Serão suficientes aquelas fornecidas por Daniel Bensaïd, em texto estampado na “orelha” da edição da Boitempo do livro *O ano I da Revolução Russa*, texto escrito originalmente por

Serge em 1930. Aos poucos dados biográficos, Bensaïd acrescenta igualmente uma breve apreciação acerca da natureza do relato:

Inicialmente militante libertário, (...) ele [Victor Serge-JFM/LSL] adere à Revolução Russa já em 1917 e integra-se ao Partido Comunista, do qual é expulso em 1926. A partir de então, milita na oposição de esquerda a Stalin e é deportado para a Sibéria. Libertado após uma campanha

internacional feita por intelectuais, volta para a França; distancia-se de Trotski sobre a questão da nova Internacional. Em 1941 exila-se no México, onde morre, seis anos depois, em 1947, com 57 anos. (...) *O ano I da Revolução Russa* é um testemunho de primeira mão sobre o entusiasmo dos primórdios revolucionários e sobre a vontade de mudar o mundo e as relações sociais. (In: SERGE, 2007)

É também conveniente lembrarmos a inserção russa no contexto da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). No conflito, a Rússia, ainda sob o governo do Czar Nicolau II, colocara-se em princípio ao lado do Reino Unido e da França, potências signatárias da *Entente Cordiale*, e com elas constituiu a *Tríplice Entente*. Em 1917, aos aliados juntaram-se também os Estados Unidos. No outro lado do conflito destacavam-se os Impérios Centrais: o alemão, o austro-húngaro e o turco-otomano. Estes serão, ao lado da Bulgária, os interlocutores da delegação bolchevique nas negociações de Brest-Litovsk.

Victor Serge descreveu a situação difícil com que se defrontavam as nações em conflito ao começar o ano de 1918 – em especial os revolucionários russos, mas não apenas eles –, após os já vários anos de duração daquela guerra sangrenta:

Parte integrante – e a mais vulnerável – do sistema imperialista da En-

tente, a Rússia, em janeiro de 1918, após quarenta meses de guerra, atingia uma situação desesperada. Porém, apenas chegava à beira do abismo um pouco antes do que as demais potências beligerantes. (...) No total, os custos de guerra dos beligerantes, segundo o Instituto Carnegie, elevavam-se, a 1º de janeiro de 1918, a 208 bilhões de dólares. Cifras fabulosas! E como avaliar as destruições, as mortes – cerca de 10 milhões de mortos naquela data, e o dobro o número de feridos e mutilados – o aumento da mortalidade da população civil, o decréscimo da natalidade, o desperdício insensato do trabalho de nações inteiras? (...) Os Impérios Centrais – Alemanha, Áustria-Hungria, Bulgária e Turquia – estavam reduzidos a uma “fome genialmente organizada”. (...) A situação dos Aliados era melhor, graças ao apoio dos Estados Unidos. (...) As reservas de homens da Alemanha, da Áustria e da França estavam esgotadas. (SERGE, 2007, p. 187-188) ^{4 5}

Decerto essa “situação desesperada” esteve subjacente à disposição russa para as negociações de paz. Não obstante, não havia, de parte do governo dos soviets, um posicionamento único no tocante aos resultados a serem perseguidos pelos delegados bolcheviques em Brest-Litovsk. De fato, um dos aspectos mais interessantes do relato de Serge é seu tratamento, em especial, das posições distintas

encabeçadas por Lenin (defensor da paz imediata) e Trotski (adepto da alternativa “nem paz, nem guerra”). Uma terceira posição, propugnada por outros dentre os dirigentes revolucionários, era pela guerra. Restringir-nos-emos às duas primeiras, uma vez que foram elas que efetivamente nortearam a ação dos delegados russos.

O entendimento de Trotski prevaleceu durante a maior parte das negociações.⁶ De fato, ele próprio liderou os representantes bolcheviques na segunda fase das tratativas, entre 9 de janeiro e 10 de fevereiro de 1918.⁷ As diferenças entre Trotski e Lenin refletiam suas distintas expectativas sobre, de um lado, a capacidade de uma retomada das hostilidades, em especial pela Alemanha; de outro, e em alguma medida imbricado ao anterior, das possibilidades de a ação alemã ser afetada pela esperada – talvez fosse mais adequado o termo “desejada” – eclosão da revolução proletária na Alemanha. Conforme escreveu Serge, Trotski

(...) não deixava de perceber a impossibilidade completa de prosseguir a guerra. Mas duvidava que a Alemanha, vítima de profunda crise, (...) cujo exército esgotado sofria a influência da Revolução Russa, pudesse tomar a ofensiva. Julgava necessário pôr à prova a classe operária e o exército alemães. Ao que retrucava Lenin: “É tentador,

mas é arriscado, arriscado demais”. (SERGE, 2007, p. 202).

Aos 10 de fevereiro de 1918, os rusos abandonam Brest-Litovsk após fala contundente de Trotski que expressou com nitidez a posição de “nem paz, nem guerra”.⁸ O governo dos soviets recusava-se a assinar o tratado de paz nas condições impostas pelas potências centrais, e ao mesmo tempo anunciava a desmobilização de suas tropas. Vale a pena transcrever parte desse documento (*apud* SERGE, 2007, p. 205):

Não queremos mais participar dessa guerra puramente imperialista em que as pretensões das classes ricas se satisfazem com sangue humano. (...)

Na expectativa do momento, que julgamos estar próximo, em que as classes trabalhadoras oprimidas de todos os países tomarão o poder, como fez o povo trabalhador da Rússia, retiramos da guerra nosso povo e nosso exército. Nosso soldado-trabalhador retorna, a partir desta primavera, a seu labor no cultivo pacífico da terra que a revolução fez passar das mãos dos proprietários fundiários às dos camponeses. Nosso operário-soldado deve retornar à fábrica para ali produzir não engenhos de destruição mas ferramentas construtivas e para, juntamente com o trabalhador do campo, erguer a nova economia socialista.

Desmobilizamos nosso exército. Recusamo-nos a assinar uma paz de anexações. Declaramos terminado o estado de guerra entre os Impérios Centrais e a Rússia.

Ora, em verdade essa desmobilização anunciada já estava ocorrendo de maneira espontânea.⁹ Trotski estava jogando os seus dados. Porém, sua aposta não seria vencedora. Não apenas a difusão da revolução não estava próxima, como também o fôlego das potências centrais, ainda que houvesse entre elas posições contrárias, era ainda suficiente para a retomada das hostilidades.¹⁰ Mostrava-se ao fim e ao cabo mais acertada a posição defendida por Lenin desde o início das negociações de paz.

Serge vale-se do próprio Lenin na defesa de sua posição: “*A paz que nos propõem é infame, (...) mas se não a aceitarmos seremos exterminados e a paz será feita por outro governo*” (*apud* SERGE, 2007, p. 199). E o dirigente bolchevique continua:

Se considerássemos o movimento revolucionário alemão suscetível de estourar com o rompimento das negociações deveríamos nos sacrificar, pois a revolução alemã seria muito superior à nossa. Mas ela ainda não começou. Devemos resistir até a revolução socialista generalizada e só podemos fazê-lo por meio da paz. (*apud* SERGE, 2007, p. 199)

Adotando, pois, um posicionamento realista e pragmático, Lenin propugnava envidar todos os esforços que se fizessem necessários pela sobrevivência da revolução na Rússia, que era já uma realidade, enquanto ainda não o era o movimento revolucionário na Alemanha. Para ele, “*atualmente, nada é mais precioso do que nossa revolução. É preciso colocá-la fora de perigo a todo custo.*” (*apud* SERGE, 2007, p. 203) Manter aquela frágil chama acesa na Rússia valia todos os sacrifícios, os territórios que seriam cedidos e, talvez sobretudo, a mensagem que poderia ser passada para o mundo, de abandono da perspectiva internacionalista, trocada pela obtenção quicá vista como oportunista de um tratado de paz assinado em separado com o imperialismo das potências centrais.¹¹

A ofensiva alemã teve início em 18 de fevereiro de 1918 e “*(...) não encontrou resistência alguma. A 21 de fevereiro, a pátria socialista foi declarada em perigo.*” (SERGE, 2007, p. 211) A retomada das hostilidades foi acompanhada por dois movimentos que nos interessa destacar. O primeiro refere-se ao corolário da discussão feita até aqui: a posição de Lenin passa a prevalecer e terá, como resultante, o retorno de nova delegação russa a Brest-Litovsk, em inícios de março. Não se tratará, agora, de negociar:

“Estamos aqui”, declara Sokolnikov [um dos membros da nova

delegação-JFM/LSL], “para assinar, sem nenhuma demora, uma paz que nos é imposta pela violência.” “A paz que assinamos”, diz ele na conferência, a 3 de março, “nos é ditada de armas na mão. A Rússia revolucionária se vê coagida a aceitá-la com os dentes cerrados [...]. Não aceitamos qualquer tipo de discussão, por considerá-la inútil.” (SERGE, 2007, p. 215)

O segundo movimento mencionado diz respeito à instalação do “terror vermelho”. Aqui, uma vez mais, evidencia-se uma leitura feita por Serge em grande medida simpática ao, para usarmos de novo as palavras de Daniel Bensaid citadas no início de nosso texto, “*entusiasmo dos primórdios revolucionários*.” Uma vez que a “pátria socialista” estava em perigo, justificava-se a adoção pelo Comissários do Povo de muitas medidas de força:

Foi dada ordem de mobilizar as forças e os recursos do país para a defesa revolucionária; de defender até o fim todas as posições; (...) de mobilizar a população das cidades para cavar as trincheiras, sob orientação de técnicos militares: **“Todos os adultos aptos, homens e mulheres, pertencentes à classe burguesa entrarão para esses batalhões; os que resistirem serão fuzilados”**; de suspender a publicação de todos os órgãos de imprensa hostis à defesa revolucionária, favoráveis à invasão burguesa alemã ou à contrarrevolução, devendo os

redatores e colaboradores dessa imprensa ser mobilizados para os trabalhos de defesa; de **“fuzilar no ato os agentes do inimigo, os especuladores, os saqueadores, os ladrões, os agitadores contrarrevolucionários” ... O terror vermelho estava em germe nesse documento; nascia (...) da invasão estrangeira e da enormidade do perigo.** (SERGE, 2007, p. 212, grifos nossos)

Victor Serge, portanto, entende a gênese do “terror vermelho” como decorrência de um determinante externo. Instalava-se, porém, um “ovo da serpente”. Na apresentação escrita para *O Ano I da Revolução Russa* (2007, p. 21), David Renton aponta como Serge, em consonância com esse entendimento, procurará analisar como as características de um “controle do operariado russo” alterar-se-iam com bastante rapidez ao longo dos anos de 1920, vivenciando esse controle uma efetiva internalização de seus elementos determinantes. Nas palavras de Renton, para Serge,

No início da década de 1920, os obstáculos decisivos ao poder operário ainda eram principalmente externos. Antes de tudo, o poder operário era contido pelo isolamento da Rússia revolucionária, pelo bloqueio imperialista e pela necessidade de competir em um mundo hostil. No fim da década de 1920, os obstáculos decisivos para os operários russos localizavam-se

dentro da Rússia. Foi a burocracia estatal, envolvida na produção, entrincheirada em seu poder e capaz de aprovar privilégios, que se tornou a principal força a conter o operariado russo.¹²

Evidentemente, a leitura feita por Victor Serge dos eventos de 1917 e 1918 está longe de ser consensual. Há, por exemplo, quem entenda as negociações de Brest-Litovsk como um “protótipo” das negociações havidas em 1939, selando o pacto Nazi-Soviético.¹³ E há, outrossim, quem questione essa determinação essencialmente externa nos inícios do “terror vermelho”.¹⁴ De qualquer modo, a duração do tratado não atingiu nove meses, em vista do término da guerra. Todavia, a derrota dos Impérios Centrais não significou a recuperação, para a Rússia, da maior parte dos territórios cedidos em março de 1918. De outra parte, o exemplo de intransigência que Serge identifica no General “Nenhum milímetro” Hoffmann teria seu reflexo espelhado, em especial, no desempenho tão intransigente quanto do Primeiro Ministro Georges Clemenceau, líder da delegação francesa nas negociações de paz de Paris, em 1919. Mas essa é uma outra história!¹⁵

Como fecho desta crônica, não resistimos a transcrever o exercício de história contrafactual atribuído a outro Primeiro Ministro, desta feita da Inglaterra, Winston Churchill, em 1936, igualmente utilizado por Luiz de Alencar Araripe

para encerrar seu artigo sobre “A Primeira Guerra Mundial”, inserido na coletânea intitulada *História das Guerras* (MAGNOLI, 2011). Tal exercício foi feito

(...) a propósito do que teria acontecido se os Estados Unidos não tivessem entrado na guerra em 1917. “Os Estados Unidos deveriam ter cuidado de suas coisas e ficado fora da guerra mundial”, teria declarado [Churchill-JFM/LSL] em 1936 ao editor do jornal *Enquirer*, de Nova York (...). “Os Aliados teriam feito a paz com a Alemanha na primavera de 1917. (...) não teria acontecido o colapso da Rússia seguido do comunismo, nem a queda da Itália, seguida do fascismo (...) e a Alemanha não teria assinado o Tratado de Versalhes, que entronizou o nazismo”. Continua a entrevista: “se a Grã-Bretanha tivesse celebrado a paz em princípios de 1917, teria salvado 1 milhão de vidas britânicas, francesas, americanas e outras vidas”.

Se...

Pois é! Façamos eco a Araripe. Se...

Fontes e Referências

ARARIPE. Luiz de Alencar. Primeira guerra mundial. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). *História das guerras*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 319-353.

_____. Tratado de Versalhes (1919). In: MAGNOLI, Demétrio (org.). *História da paz*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 211-239.

KEYNES, John Maynard. *As consequências econômicas da paz*. [recurso eletrônico]. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado / EdUnB / IPRI, [1919] 2002.

Perdas territoriais da Rússia pelo Tratado de Brest-Litovsk. Mapa disponível em: <<http://www.lahistoriaconmapas.com/asia/rusia/el-tratado-de-paz-de-brest-litovsk-1918/>>. Acesso em: 29 fev. 2016.

PIPES, Richard. *História concisa da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SAES, Flávio Azevedo Marques de; SAES, Alexandre Macchione. *História econômica geral*. São Paulo: Saraiva, 2013.

SERGE, Victor. *O ano I da revolução russa*. São Paulo: Boitempo, [1930] 2007.

SUVOROV, Viktor. *Icebreaker: Who Started the Second World War?* [recurso eletrônico]. London: Hamish Hamilton, 1990.

The Peace Treaty of Brest-Litovsk. World War I Document Archive. Disponível em: <http://wwi.lib.byu.edu/index.php/The_Peace_Treaty_of_Brest-Litovsk>. Acesso em: 29 fev. 2016.

TROTSKI, Leon. *From October to Brest-Litovsk*. [recurso eletrônico]. The Project Gutenberg EBook of From October to Brest-Litovsk, by Leon Trotsky, 1919.

_____. *A Revolução de Outubro*. [recurso eletrônico]. São Paulo: Boitempo, [1918] 2007.

ZIZEK, Slavoj. *Às portas da revolução: seleção dos escritos de Lenin de fevereiro a outubro de 1917*. São Paulo: Boitempo, 2005.

desde fins do século XVI, por todos os demais países da Europa. (...) Assim é que a insurreição bolchevique teve lugar na Rússia a 25 de outubro e, para a Europa, a 7 de novembro. A partir de 31 de janeiro, um decreto dos Comissários do Povo torna obrigatório o uso do calendário gregoriano, mas, para tanto, é preciso saltar treze dias, de modo que o mês de fevereiro começa no dia 14.” (SERGE, 2007, p. 210-211, nota 18).

3 Versão integral do Tratado consultada no sítio do World War I Document Archive. Disponível em: <http://wwi.lib.byu.edu/index.php/The_Peace_Treaty_of_Brest-Litovsk>. Acesso em: 29 fev. 2016.

4 A expressão “fome genialmente organizada” foi buscada por Serge em uma carta escrita por Lenin em março de 1917. Nela, lemos: “A burguesia não foi capaz de adiar por muito tempo a crise revolucionária gerada pela guerra. A crise cresce com força irresistível em todos os países, começando pela Alemanha, a qual, na expressão de um observador que a visitou há pouco, atravessa uma ‘fome genialmente organizada’, e terminando pela Inglaterra e pela França, onde a fome se avizinha também e onde a organização é muito menos ‘genial!’” (Carta transcrita em ZIZEK, 2005, p. 29).

5 Em comentário também referente à situação em 1918, porém após a assinatura do Tratado de março, Flávio Saes e Alexandre Saes indicam um cenário algo mais alvissareiro para o lado dos Impérios Centrais: “Em quatro anos de guerra, os exércitos e as economias mostravam sinais de esgotamento. Mas, no começo de 1918, o quadro era mais favorável para as Potências Centrais (...). A Frente Oriental parecia estabelecida: os russos haviam sido expulsos da Polônia e aceitado a paz pelo Tratado de Brest-Litovsk em março de 1918.” (SAES; SAES, 2013, p. 311).

6 Ver, também, Trotski (1919 e 2007).

7 A primeira fase ocorrera de 22 a 28 de dezembro de 1917, sendo a delegação bolchevique chefiada por Adolph Joffe; a terceira fase, de 1 a 3 de março de 1918, na qual se assinou o tratado de paz, decorria já do prevailecimento da posição de Lenin no Comitê Central.

8 Serge (2007, p. 209) refere-se a essa fala de Trotski como “golpe teatral de Brest-Litovsk.”

9 “O exército se desmobilizava por conta própria, os soldados voltavam para suas casas. As massas não queriam mais combater.

- A insurreição de outubro fora feita em nome da paz. Os transportes estavam esgotados; a produção, profundamente desorganizada; o abastecimento, em estado lamentável. A fome ameaçava como nunca. (...) A guerra terminara do lado russo.”* (SERGE, 2007, p. 198).
- 10 “Um Conselho Extraordinário se reuniu no castelo de Hamburgo para examinar a nova situação. Dele participaram Guilherme II, o chanceler Von Hertling, o vice-chanceler Hindenburg, Ludendorff, o chefe do Almirantado e Von Kuhlmann. As opiniões foram divergentes. O chanceler, o vice-chanceler, Von Kuhlmann e os austríacos entendiam que a situação interna, mais particularmente a da Áustria-Hungria, não permitia nenhuma ofensiva contra a Rússia. As chances imaginadas por Trotski eram, como se vê, muito reais. Os generais exigiram a ofensiva (...). O kaiser concordou com o estado-maior.” (SERGE, 2007, p. 205-206).
 - 11 Por exemplo, lemos em Suvorov (1990): “By concluding a separate deal -with the enemy, Lenin betrayed Russia’s allies.” E o próprio Serge (2007, p. 203) escreveu: “Se os bolcheviques não desfizessem o mal-estar causado pela paz em separado entre a Rússia e os Impérios Centrais, não seria o estado de espírito das massas, nos países aliados, favorável a uma intervenção na Rússia?” Mas o autor explicita também o argumento de Lenin: “Traímos a Polônia, a Lituânia, a Curlândia e a Letônia entregues à Alemanha? ... Não, pois os interesses do socialismo têm primazia sobre o direito das nacionalidades a dispor de si mesmas.” (apud SERGE, 2007, p. 217).
 - 12 De fato, como apontou com acerto Bensaïd, temos aí um tema crucial para o revolucionário belga: “Em seus muitos ensaios, será recorrente o tema do contraste entre a Rússia sob o comando de Lênin e a Rússia sob o comando de Stalin, e Serge irá se esforçar para decifrar o enigma dessa degenerescência.”
 - 13 “Brest-Litovsk was directed not only against the national interests of Russia, but against Germany as well, and in both its sense and spirit it served as a prototype of the Molotov-Ribbentrop pact. Lenin’s calculation in 1918 was exactly the same as Stalin’s in 1939. Let Germany fight in the West, let Germany and the Western allies exhaust themselves one after the other to the greatest extent possible; we ourselves shall help Germany at any price to exhaust herself to the very limit, and then act.” (SUVOROV, 1990).
 - 14 “Um partido político que em eleições livres recebesse menos de um quarto dos votos, que tratasse como inimigo qualquer indivíduo ou grupo de oposição, que considerasse a priori 90% da população – camponeses e burgueses – como inimigos de classes, decerto não poderia governar por consenso e teria de fazer uso permanente do terror. Isso, se desejasse manter o poder.” (PIPES, 2008, p. 237).
 - 15 Para uma crítica ao Tratado de Versalhes, particularmente ao posicionamento francês, ver, por exemplo, a análise publicada originalmente por John Maynard Keynes em 1919 (KEYNES, 2002). Não se está querendo sugerir, é claro, que o severo posicionamento de Clemenceau objetivasse em alguma medida dar o troco ao comportamento alemão em Brest-Litovsk. A vingança era, sem dúvida, um condimento a nortear a ação do idoso ministro francês, mas o que se queria vingar de modo algum era o tratamento dado aos russos: “Clemenceau, sempre fazendo da vitória de 1918 o contraponto da derrota da França em 1871, chamou os delegados alemães a Paris, alojando-os no Hôtel des Reservoirs, onde se haviam hospedado os franceses que negociaram a paz com Bismarck (...). Abrindo a sessão [em 7 de maio de 1919-JFM/LSL], Clemenceau anunciou: ‘Chegou a hora para o grave ajuste das nossas contas.’” (ARARIPE, 2012, p. 223).

(*) Livre-Docente da FEA/USP. (E-mail: jflaviom@usp.br).

(**) Professora Doutora da FEA/USP. (E-mail: lslopes@usp.br).